

European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS
DA IGREJA DO NAZARENO

1 DE NOVEMBRO DE 1982



“LOUVOR E ADORAÇÃO”

—Jorge de Barros

No calendário evangélico dos povos que se expressam neste idioma, 1982 será especial. É o ano do novo hinário, LOUVOR E ADORAÇÃO.

Esperado com ansiedade por milhares em vários países e de várias denominações evangélicas, este hinário reflecte a fé, a experiência, a sensibilidade, o talento e a dedicação de muitos, num período de séculos.

Ocorre-nos uma visita feita há tempos à famosa catedral de Colónia, Alemanha. Folhas de música piedosamente conservadas impressionam o observador: são exemplares únicos, feitos à mão, há centenas de anos. Porém, jamais circularão entre os fiéis, por mais que estes apreciem a sublimidade das notas.

A revolução técnica moderna e o esmero gráfico permitem agora a qualquer o uso —no lar, no templo e em toda a parte —da mais significativa colectânea de música oferecida ao nosso povo. Entretanto, algo muito antigo impregna o contemporâneo, nos 478 números de LOUVOR E ADORAÇÃO. É a mesma brisa que inspirou os Salmos; é, também, o espírito presente no cântico de anjos sobre as campinas de Belém; persiste ainda aqui a voz de apóstolos, de mártires e mil santos em notas que prisões, açoites e dores não conseguiram abafar.

LOUVOR E ADORAÇÃO teve aceitação imediata. Os primeiros pedidos ultrapassaram as previsões mais optimistas e levaram os editores a aumentar substancialmente a tiragem. Cremos, porém, que a recompensa mais preciosa para o número elevado de colaboradores em vários países e culturas será esta: saber que o novo hinário veio estimular entre os evangélicos o LOUVOR E ADORAÇÃO ao Senhor que pôs um cântico na nossa alma. □



a vida SANTA

Orville W. Jenkins
Superintendente Geral

Há muitos séculos Deus declarou: "Eu sou o Senhor, vosso Deus; porquanto vós vos santificareis, e sereis santos, porque eu sou santo" (Levítico 11:44). De novo Deus falou através do apóstolo Pedro: "Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós, também, santos, em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:15,16).

Ser santo é ser puro e de bom coração; isto é, ser pessoa de Deus. Pois o Senhor é bom, mas nós só o seremos quando Lhe pertencermos, O conhecermos e Lhe obedecermos. Em 1941, num de seus livros, Thomas R. Kelly escreveu: "A vida que deseja ser totalmente obediente, submissa e atenta é admirável na sua perfeição (integridade). A sua alegria é cativante, a sua paz profunda, a sua humildade sincera, o seu poder abrangedor, o seu amor envolvente, a sua simplicidade é como a da criança. Esta vida e poder foram desfrutados pelos profetas e apóstolos. Também por Jesus de Nazaré; Ele sabia que "se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz" (Mateus 6:22).

A vida santa não se alcança pelo recolhimento num santuário de clausura, nem é vida de certo modo suspensa entre o céu e a terra. A santidade é uma vida de relação com o Senhor Jesus e, assim, permanecemos no mundo como Cristo esteve e está, sempre côncios de que não nos pertencemos a nós próprios mas a Ele. Na Sua oração sacerdotal, Jesus rogou: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a

verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (João 17:15-18).

Vida santa não é simplesmente praticar obras boas (como habitualmente a definimos pelo nosso padrão do que é bom), mas é ser bom no mais íntimo do nosso ser que frutifica na prática do bem; pois o Senhor nos possui, purificou nossos corações e nos encheu com Seu amor e Espírito. A santidade origina boas obras por pertencermos a Cristo e não a nós próprios.

A santidade é obediência total ao Mestre, sem condições nem reservas. Semelhante relação não é a promessa de escapar a doenças físicas, provas, problemas e reverses da vida. Nem é promessa de boa saúde e prosperidade. Alguns servos de Deus e santos notáveis foram pessoas que sofreram e tiveram graves problemas de saúde. Outros passaram privações e fadigas por causa de sua fé, como lemos no capítulo 11 de Hebreus.

A vida santa firma-se na certeza de que "todas as coisas contribuem juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Romanos 8:28). No processo de cumprir a Sua vontade em nós, nem sempre dá Deus o que nós chamamos benefícios, êxito, prazer ou grande alegria. Não precisamos de receber essas provas tangíveis do Seu amor para descansarmos na certeza de que só Ele conhece e compreende todas as coisas e realiza a Sua perfeita vontade em nós, que é a melhor. Nós somos de Deus com o propósito de vivermos para Sua glória —é esta a essência da santidade de coração e vida. □

Juntamente com a Bíblia, o hinário é uma identificação importante dum lar cristão. Este livro, com o seu rico conteúdo de hinos e cânticos, não é apenas a música agora entoada pela congregação local, mas o repertório de cristãos cantando através dos séculos. O hinário encerra uma riqueza de material lírico que fortalece e preserva o lar. Ele nunca deve ser substituído por música secular; antes, ocupará lugar cimeiro na estante e estará à mão para uso de todos. A sua poesia é preciosa para devoções. Quer cantadas ou lidas no culto familiar, as palavras dos hinos darão sempre um ambiente adequado, edificante. Com o hinário a ocupar um posto central no lar, a música mundana parece completamente descabida. Intrinsecamente, a música nem é boa nem má —nem moral nem imoral. Concordamos, no entanto, que ela pode intensificar a disposição dum indivíduo para bem ou para mal. A música tem um apelo forte e é uma influência em todos os lares. Sendo assim, torna-se importante procurar métodos e meios de lhes fornecer música adequada. Os regulamentos e proibições no campo da música para diversão e enriquecimento cultural podem ser guardados como mínimo no planeamento cuidadoso de um regime musical cristão. O magnífico recurso de aparelhagens sonoras para música gravada e o grande estoque de composições excelentes podem ser usados com proveito no lar cristão. Os clássicos de música sacra, os hinos e os cânticos evangélicos estão hoje ao dispor na mais alta qualidade. Esta classe de música exerce influência para bem —e também provê a família de outra fase da educação cristã.

música no lar

—Floyd W. Hawkins



cantamos OS hinos adequados ?

—W. E. McCumber

De quando em quando recebo cartas dos leitores da nossa revista. Há pouco recebi uma de certa professora de instrução primária. Creio que o leitor também tirará proveito das observações que ela faz:

“Como professora oficial tenho verificado que os hinos evangélicos influem profundamente nos meus alunos que assistem à igreja. Aqueles que cantam os hinos tradicionais evangélicos, que participam no coro, em conjuntos musicais ou que simplesmente cantam com os pais e a família hinos congregacionais, distinguem-se pelo respeito à autoridade escolar, por decisões sábias e bom comportamento, daqueles que apenas cantam canções “populares” ou coros do departamento de crianças. Talvez o crente comum não note tal distinção mas eu, ao tratar com os alunos todos os dias a nível profissional, observo essas diferenças.

“Além disso, tenho sentido uma reacção interessante. Conheço os hinos evangélicos desde criança e decorei muitos deles. Quando tenho problemas ou passo por privações eles brotam espontâneos do fundo da minha alma. Nesses momentos de necessidade, se canto um hino de fé, de louvor ou de intercessão, sinto-me fortalecida e recebo ajuda divina. Mas se entoo uma “canção popular” das que apelam mais ao pé que ao coração, fico triste, mais consciente dos meus problemas e eles adquirem maiores proporções. . . ”

Não me encontro em posição de aprovar ou rejeitar estas observações. Mas estou certo de que os hinos constituem ferramenta de ensino efectivo. O seu conteúdo e ritmo adquirem alto significado. As canções triviais produzem efeitos passageiros, emotivos, sem profundidade espiritual. Os hinos majestosos exprimem verdades bíblicas, informam, ilustram a mente, alegam o coração e predisõem a vontade para prosseguir na nossa peregrinação espiritual. Devemos cantar a nossa fé, exaltar o seu autor e consumidor, nosso Senhor Jesus Cristo e Deus Pai.

Diz-se que “somos o que comemos” ou que “somos o que lemos”. Não se poderão aplicar estes adágios ao que cantamos? Na nossa vida, o impacto ou a influência da música é enorme. A música evangélica deve dar glória a Deus, não ao executante, e oferecer conforto, estímulo e fortaleza ao ouvinte. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XI
Número 21

1 de Novembro de 1982

BENNETT DUDNEY,
Director Geral

JORGE DE BARROS,
Director

ACÁCIO PEREIRA,
Redactor

ROLAND MILLER,
Artista

**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES,**
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

Fotos:

CAPA —P. Schrock
Página 2, 3 —C. Vail
Página 4, 5 —E. Rawlings
Página 8, 9 —NAVCO
Página 10, 11 —A. Cliburn
Página 12, 13 —D. Anderson
Página 14, 15 —A. Cliburn



Deus merece um cântico

—Earl C. Wolf

Um profeta do Antigo Testamento tinha dificuldade em cantar. Era Habacuque. Na sua profecia encontra-se perplexo e deprimido. Não compreendia certas coisas referentes à desgraça que adviria a Israel. A invasão dos caldeus humilharia e devastaria o país. Como explicaria o profeta ao seu povo —o povo escolhido, a semente de Abraão —que os pagãos seriam o instrumento de castigo?

Como contenderia Habacuque com o desalento que dominava a sua própria alma quando soube da calamidade nacional que em breve sobreviria ao povo de Deus? A circunstância acarretava-lhe uma dor esmagadora. Mas ele seria verdadeiro mensageiro do Senhor. Procuraria amparar a fé e a esperança do seu povo.

A fé começava a esmorecer. O profeta combatia a dúvida obstinada e queixava-se a Deus. Escutava e esperava longo tempo pela resposta. A demora era torturante. Mas ele continuava fiel a Deus. Declarou com disciplina e determinação: "O justo, pela sua fé viverá" (2:4). Apesar de circunstâncias perturbadoras e do silêncio de Deus, ele confiaria no Senhor. Deus é ainda Deus. Quando o profeta desejava lamentar-se, reconhecia que devia cantar, pois Deus é digno de um cântico.

O canto de fé do profeta (em 2:4) é uma das declarações mais relevantes do Antigo Testamento. No Novo Testamento, Paulo citou a visão de Habacuque e deu à sua verdade um lugar central na pregação (Romanos 3:17; Gálatas 3:11). Também o escritor inspirado de Hebreus mencionou esta afirmação de fé (10:37-38). Séculos mais tarde, o canto de fé do profeta tornou-se útil na conversão de Martinho Lutero, líder de Reforma. E, ao longo dos séculos, este canto tem sido um dos princípios fundamentais da religião evangélica.

A nota predominante no canto de fé de Habacuque encontra-se no capítulo 3 da sua profecia. No meio da angústia da nação, a alma do profeta reveste-se de asas e eleva-se às alturas. Canta: "Porquanto ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas. Todavia, eu me alegrarei no Senhor: exultarei no Deus da minha salvação. Jeová, o Senhor, é a minha força, e fará os meus pés como os das cervas, e me fará andar sobre as minhas alturas" (Habacuque 3:17-19).

Habacuque não só rejubila em Deus, mas também dá instruções ao director de música para executar o seu canto de fé com instrumentos de corda, no culto do Templo. O seu louvor a Deus e a salvação devem ser compartilhados com outras pessoas (3:19). Todas devem cantar e glorificar ao Senhor com instrumentos de corda; e o mesmo deve fazer o coro do Templo.

A sua espera firme e disciplinada pela resposta de Deus trouxe novos cumes de vitória espiritual. "É assim o triunfo da fé! Confia em Deus nas horas sombrias e nas provas mais agudas; aguarda a reivindicação de seus actos; e olha para a frente com convicção pelo amanhecer certo do prometido dia de glória" (George Williams).

Num sermão, James Reid recorda que o "mundo não é como um navio à deriva". Deus ainda mantém o comando. Se Lho permitirmos, Ele realizará a Sua vontade na nossa vida. "Esta é uma realidade gloriosa. Tudo que nos acontece torna-se valioso nas mãos de Deus pelos próprios desígnios do amor" (James Reid).

Quando o nosso mundo jaz indeciso a nossos pés, a fé é ainda a resposta. Quando somos tentados a desfalecer precisamos de cantar. Deus é ainda Deus e, enquanto Ele existir, não nos abandonará. □



**A fé que canta é
melhor que a fé
que se lamenta.
Mas admitimos que
às vezes a fé se
esforça por cantar.**

como vencer o desânimo

—Gordon Chilvers

O desânimo é uma enfermidade bastante comum. Poucas pessoas terão chegado a adultas sem a terem experimentado. Até aquelas que desfrutaram de excelente temperamento e de boa saúde física e espiritual!

Martinho Lutero tanto conheceu os vales do desânimo como os cumes do regozijo. O desânimo pode ter graves consequências. É considerado como a arma mais poderosa de Satanás. O homem desanimado vê as cores do céu entre cinzento e preto. É pessimista. A sua vontade está minada, as energias gastas, as esperanças desfeitas. Cansa-se facilmente de trabalhar. Tem um coração quebrantado e pronto a reclamar a forma injusta como pensa ser tratado.

Apesar disso, o desalento não é um mal irreparável. Usado com criatividade pode transformar-se em bênção. Os fracassos que provocam o desânimo podem contrabalançar-se; então, produzem êxito e trabalho proveitoso.

Frank Laubach ansiava ser reitor duma universidade e dum seminário teológico nas Filipinas, mas perdeu a nomeação por um voto. Profundamente desanimado julgou-se incapaz de enfrentar outra votação. Até a saúde se ressentiu.

Então resolveu ir como missionário para Lanao, uma região primitiva habitada por muçulmanos. Estes rejeitaram a mensagem de Laubach e negaram-se a colaborar com ele.

Decorrido um mês, sentiu-se tão desanimado que caiu no desespero: "Que mal fiz eu?", perguntava-se. Sempre fora um homem de oração. Abalado, subiu ao topo dum monte que ficava perto da sua cabana, donde podia observar uma paisagem encantadora. Foi aí que entregou a Deus o seu desânimo.

Conseguiu resposta. Descobriu um método simples de leitura capaz de resolver o problema de ignorância e de pobreza de muita gente. Esta descoberta foi das mais importantes da actualidade. Segundo Laubach declarou, foi o resultado directo de sua oração.

Walter Scott, novelista inglês, trabalhara duro para construir uma casa sumptuosa. Os seus editores faliram e os credores podiam ter sofrido

graves perdas. Mas ele assumiu voluntariamente a responsabilidade de pagar tudo. Vendeu a casa, desfez-se de todas as suas economias. Situação verdadeiramente desoladora!

Nessa ocasião Scott escreveu: "Não me sinto desonrado nem abatido pelas notícias. Dei o último passeio pelas propriedades, entrei pela última vez nos corredores que construí; no entanto, se a desgraça os tivesse poupado, a morte teria arrebatado". Terminou a carta declarando que o próprio desânimo lhe servira de tónico.

Com 55 anos de idade, Walter Scott começou uma série de livros maravilhosos. Pagou quanto devia aos credores e eles lhe criaram na literatura um nome imorredouro.

Se o desânimo nos assaltar por alguma oração não respondida, continuemos, pois a demora de Deus nem sempre significa recusa. É possível que Ele tenha melhor solução para o nosso problema. Talvez espere o momento mais oportuno para nos conceder as bênçãos pedidas.

Para vencer o desânimo precisamos de recursos d'Aquele que é maior que nós.

O rei Davi regressava ao lar, em Siclag, fisicamente abatido pelos esforços em escapar à perseguição de Saúl. O inimigo aproveitara-se de sua ausência para atacar a cidade e levar o povo como escravo. Quando o souberam, Davi e os seus homens choraram. Apesar de cansados, resolveram correr atrás do inimigo. No seu desânimo, "Davi se esforçou no Senhor, seu Deus" (I Samuel 30:6). No meio das provações buscou a ajuda e a fortaleza divinas.

Embora possa parecer a mesma, a situação muda quando oramos. A nossa segurança não depende dos nossos recursos limitados, mas da confiança na sabedoria e no poder do Senhor.

Davi procurou o conselho e a orientação de Deus. Sabia que sua vida seguiria o melhor caminho e que o desânimo havia de desaparecer.

Todos passamos por momentos sombrios. No entanto, tenhamos a certeza de que Deus nos guardará. O Dr. James Stewart escreveu: "Deus não escarnece de Seus filhos proporcionando-lhes uma noite interminável. O homem que permanecer firme durante a obscuridade, chegará ao momento da reivindicação da fé e do despontar do dia".

Quando Davi recebeu orientação e socorro de Deus, usou esses recursos para trocar o desânimo pelo êxito. Perseguiu, atacou e derrotou o inimigo.

Os desalentos não nos devem derrotar. Bem orientados, serão fonte de benefícios antes desconhecidos. Que eles nos aproximem mais de Deus e estimulem a nossa maturidade espiritual. □

"A música é a arte dos profetas, a única arte que pode acalmar as perturbações da alma; é um dos presentes mais excelentes e apreciáveis que Deus nos deu".

Assim escreveu Martinho Lutero há mais de quatro séculos e foi dessa forma que a música da igreja colaborou tanto na Reforma como os livros, as controvérsias e os sermões.

E é por isso que hoje queremos saber o que está a acontecer com a música da igreja. Não se pode negar o seu impacto sobre a Reforma, o movimento wesleyano, o reavivamento do século XIX que atravessou a América; também, sobre o crescimento da igreja por toda a parte.

Nos últimos anos, a música da igreja sofreu algumas mudanças. Uma para melhor, sem dúvida. Com a sua actualização e elevação trouxe frescura e significado. Novas formas de comunicar podem ser melhores que outras dos tempos passados.

Mas novo não significa necessariamente melhor. Um exame minucioso das mudanças na música da igreja ajudar-nos-á a mostrar que o "antigo" é melhor quando o "novo" sai do trilho teológico.

Para começar, consideremos a *amplificação excessiva* que parece necessária à nova geração de músicos da igreja. A exibição de equipamento electrónico sofisticado espalhado pela plataforma recorda-nos os fios, botões e luzes de uma cápsula espacial em órbita. Não nos surpreenderia ouvir declarar: "Estação de Controle, temos uma avaria!" Mas em vez disso, um dos cantores do grupo movimenta os registos e carrega nos botões (sem omitir uma nota) até que, depois de alguns gritos estridentes, tudo continua. Quase tudo. Pois um dos microfones nunca chegou a funcionar. Mas cinco dos seis que tinham é uma boa "média".

Realmente, nada está errado em usar novos aparelhos disponíveis. Um excelente sistema de som, operando adequadamente,

pode aumentar a combinação de vozes e a sua harmonia. Mas a música da igreja deve fazê-lo sem os ruídos extremos de certos aparelhos electrónicos. As pessoas que infelizmente se encontram perto dos altifalantes bem o podem testificar.

Consideremos também a *coreografia planejada* ao som de certa música moderna da igreja. Os cantores e músicos parecem autómatos—sorriem aqui, andam para a frente, batem as palmas e dão voltas de acordo com um padrão obviamente programado.

Não se trata realmente do mesmo espírito tão natural no movimento de santidade em que às vezes se levantava a mão para o céu, corriam lágrimas pela face ou a música era interrompida por expressões espontâneas de santa alegria.

Aqueles que têm experimentado os dois tipos de expressão não notam semelhança alguma entre o espontâneo e o programado. O moderno não é um pobre substituto. Ele nada substitui.

Com a máxima seriedade, consideremos agora a falta de substância em certa música moderna

da igreja. A música tradicional tem ensinado aos adoradores uma boa teologia, através do canto.

Ninguém pode permanecer teologicamente analfabeto enquanto canta "Castelo Forte É Nosso Deus", "Rei da Minha Alma", "Eis o Consolador", "Perdão Sem Igual", para mencionar alguns.

Esta é uma lacuna verificada na produção de várias músicas modernas. Cânticos que falam sobre esse *maravilhoso povo, é bom ser amado, sentindo mais do que eu costume sentir, e por que não vens conosco?*, têm pouca teologia e muita imaginação.

Em alguns casos a letra e a música parecem ter sido compostas sob um impulso repentino—um passeio sem propósito paralelo a uma rota musical. Se as nossas mensagens dessem a mesma impressão ouviríamos do púlpito comités e juntas oficiais!

Mas isto indica que há esperança. A pregação também sofreu mudanças. Houve tempo em que os pregadores tomavam para "tópicos" de sermões vários temas de pouco conteúdo teológico.

que aconteceu à música da IGREJA?

—James P. McGraw



Tudo mudou. Creio que estamos agora a ver cada vez mais poderosas pregações bíblicas. Que assim seja.

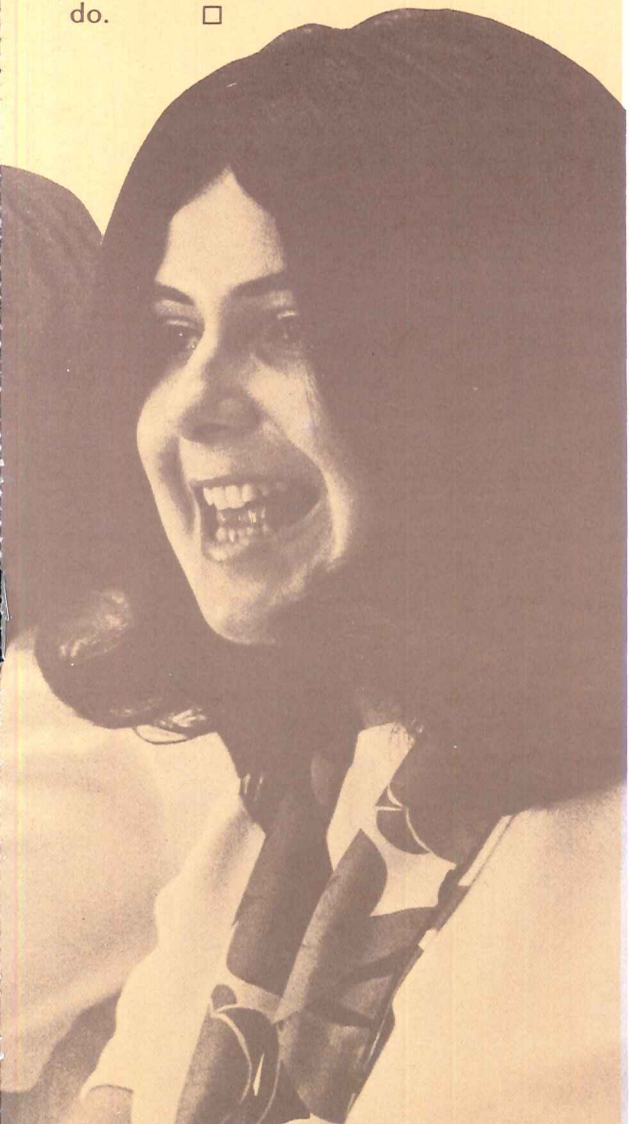
Orai pelos jovens. Eles precisam de nossas orações, compreensão e amor. Acham fascinação em algumas melodias e poemas ao seu dispor. Gostam de cantar e isso é bom. Deixemo-los cantar.

Mas a verdadeira autoridade mostrar-lhes-á como também podem ser inspiradores e frescos os grandes hinos antigos, quando cantados no Espírito e com compreensão. Nós possuímo-los para eles. Nos anos futuros ser-nos-ão agradecidos se nós não falharmos agora.

Quando você ler isto, pode pensar que se trata de alguém antiquado.

Quando eu voltar a ler estas linhas, creio que devo concordar.

Uma pessoa antiquada, com o tímpano dos ouvidos inflamado. □



QUEM ESTARÁ NA BRECHA?

—Lela O. Jackson

Numa época semelhante à nossa, Deus —por intermédio de Ezequiel —fez este comovente apelo: “Busquei de entre eles um homem que estivesse tapando o muro, e estivesse na brecha perante mim por esta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei” (Ezequiel 22:30).

Israel atravessava uma crise desesperante; o seu nível espiritual descera até ao ínfimo. Deus buscava alguém que “estivesse na brecha” e intercedesse pelo povo. Ainda hoje o Senhor procura homens e mulheres prontos a taparem brechas. A maioria dos habitantes deste mundo vagueiam em trevas e morrem sem Cristo. Um estadista declarou recentemente que o mundo atravessa a hora mais escura da sua história.

No meio de tanto nervosismo e incerteza, a Igreja do Nazareno propôs-se “reconstruir o muro”... e fechar a brecha de separação entre Deus e o mundo perdido.

A que se referirá o profeta quando fala de “brecha”? Simplesmente, da necessidade de lançar uma ponte sobre um abismo de separação.

A obra missionária consiste precisamente em construir uma ponte que possibilite à mensagem do evangelho, vinda do céu, alcançar o homem necessitado. A “ponte de missão mundial” edificada pela igreja ainda não se encontra concluída; continua em obras. Grandes arquitectos e engenheiros se têm dedicado à sua estruturação. Obreiros fiéis conseguiram levantar uma ponte com alicerces tão sólidos que tem resistido ao embate do tempo. Milhares de pessoas de todas as raças e condições sociais encontraram o caminho da cruz, graças à nossa ponte de missões. No entanto, em diversas partes do mundo a brecha continua aberta.

A construção de qualquer ponte sobre um abismo custa muito dinheiro e até vidas humanas. Aqueles que arriscam a vida nessa empresa precisam do nosso apoio. Sem a ajuda de todos os nazarenos eles fracassarão. Mas com o nosso apoio firme e constante conseguirão êxito nessa nobre tarefa!

Ainda hoje Deus continua a chamar homens e mulheres dispostos a entrar na brecha de intercessão pelo mundo perdido. Andrew Carnegie, um escocês que estabeleceu um império financeiro gigantesco de minas de carvão e fábricas de ferro e aço, disse: “Podem tirar-me as fábricas, equipamento e dinheiro; mas se me deixarem os meus fiéis obreiros, reconstruirei este poder económico”. Ele reconhecia que a necessidade básica de qualquer empresa é a mão-de-obra.

De igual forma, na obra missionária é indispensável a dedicação total de homens e mulheres cheios do Espírito Santo. Precisamos de pessoas dispostas a dedicar tempo, talentos e posses materiais ao Senhor para avanço do Seu reino.

Cumprirá você a sua parte na construção dessas pontes que ligam as brechas de separação entre Deus e o homem? □

santidade no matrimónio

—José Cardona

Nas instruções que Deus dá ao Seu povo, à Igreja, para viver de acordo com a Sua vontade, encontra-se uma ilustração do que deve ser o matrimónio cristão: "Porque vós sabeis que mandamentos vos temos dado pelo Senhor Jesus. Porque esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra; não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus" (I Tessalonicenses 4:2-5).

Tanto para viver de acordo com o Senhor, como para as relações matrimoniais, a vontade de Deus é a santificação.

Ao considerar a Sua vontade, compreendamos os elementos que entram em acção para aceitar o que o Senhor espera de nós.

Primeiro, o elemento *preceito*. Este é uma lei ou mandamento inalterável a que todo o homem se deve submeter.

Segundo, o *propósito*. Aqui encontram-se abrangidos a sabedoria e o amor divinos prontos a proverem para nós o melhor.

Terceiro, o *poder* de Deus. Este elemento diz respeito à eficiência divina em conceder benefícios ao homem.

Quarto, o elemento *promessa*. O cumprimento da promessa depende do amor e da misericórdia de Deus.

Ao considerarmos que a vontade de Deus é a santificação do Seu povo, compreenderemos por que Deus requer esta experiência baseada no melhor para Seus filhos. Ele tem poder para a concretizar. Como prometeu assim fará.

O requisito da nossa parte para que a vontade de Deus —que é a nossa santificação —se cumpra, consiste em activar a nossa vontade e em nos apartarmos da impureza sexual.

A ilustração é o matrimónio: "Cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra; não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus" (I Tessalonicenses 4:4-5).

Entre os gentios de Tessalónica, a esposa era tida em pouca consideração. As relações matrimoniais caracterizavam-se pela infidelidade e poligamia.

Hoje, para os cristãos que vivem em santidade e procuram andar no centro da vontade de Deus, significa ter uma só esposa e ser-lhe fiel. Dessa forma ela será tida em grande consideração pela fidelidade que o marido lhe devota.

Os cônjuges devem ser fiéis um ao outro.

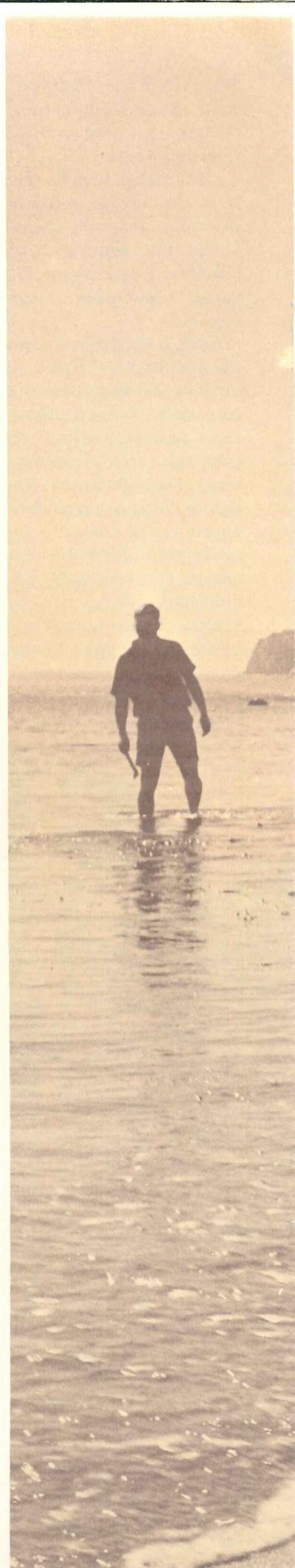
Nas Escrituras o termo *prostituição* era também usado quando o povo de Deus seguia após outros deuses. Então afastava-se dos preceitos divinos e praticava toda a espécie de maldade.

A prostituição, seguir outros deuses, era indício duma vida cheia de pecados. Nós cumprimos a nossa parte afastando-nos da impureza.

Consagremo-nos hoje totalmente a Deus, como servos fiéis. Que não haja outros deuses na nossa vida.

Se assim procedermos, Deus cumprirá a Sua promessa e enviará o Espírito Santificador.

Senhor, queremos cumprir a Tua vontade. Sabemos que Tu desejas o melhor para nós. Envia-nos o Espírito Santo para vivermos em santidade. Santifica as nossas relações matrimoniais. No nome de Jesus. Amém. □





OBRIGADO, SENHOR, POR ME SALVARES

—Oliver Delgado

Ó Senhor, eu lembro-me muito bem de como era antes de Te conhecer. Dizia a toda a gente que Te conhecia, mas isso realmente não era verdade. Tinha ouvido falar de Ti e podia ver-Te à distância, mas não Te conhecia.

Recordo o dia em que finalmente Te encontrei. Eu seguia com um grupo de amigos para um charco de pecado. Não costumava ir, mas aproximei-me de suas margens e observei os meus amigos que lá se encontravam. Pareciam divertir-se.

Insistiram comigo para que entrasse. Disseram que a água estava esplêndida. Finalmente, decidi aproveitar. Que teria eu a perder? Além disso, poderia divertir-me.

Primeiramente, só andei parte do percurso. Estava com medo, pois desconhecia se era capaz ou não de nadar. Aparentemente, os meus amigos já tinham passado muito tempo nesse charco e aparentavam ser bons nadadores. Eu estava quase a desistir. Fiquei muito tempo na água de menos profundidade. Gostei. Ao regressar noutros dias, verifiquei que cada vez me tornava mais corajoso e aventureiro.

Certo dia resolvi avançar o mais possível. Que haveria lá para eu ter medo? Se começasse a afundar-me sob o olhar dos meus amigos, eles me ajudariam a sair.

Aventurei-me e cheguei até ao meio. Eu não imaginava que a corrente fosse tão forte. Primeiro, pareceu-me divertido, mas enquanto permanecia nesse lugar notei que não era um nadador nem resistente e que não conseguia voltar para trás. A corrente tornou-se demasiado tumultuosa e eu gritei por socorro. Mas os meus amigos do mundo pensaram que eu estava a brincar. Não compreenderam por que eu pedia salvamento. Riram-se de mim e divertiram-se. Eu não sabia que fazer.

Continuava a afundar-me e sentia que a morte se aproximava. Gritei mais alto por socorro; quanto mais gritava, mais eles se riam de mim. Principei a afundar. Pela última vez pensei que tudo para mim tinha acabado... mas...

Então eu vi-Te. Corrias direito a mim. Vieste ao meu encontro e agarraste-me.

Senti nesse momento o aperto da Tua mão poderosa a segurar-me. Fiquei aliviado.

Agarrei a Tua mão e continuei a viver. Não duvidei que Tu me podias salvar.

Recordo ter pensado que apesar da Tua mão ser tão grande e poderosa, também era muito suave.

Tiraste-me da água e transportaste-me até terreno enxuto. Como me senti reconfortado quando me restituíste a vida! Creio que foi nesse momento que reconheci que Te amava. Não com amor profano, mas com amor genuíno e profundo que nunca mais me deixará.

Depois de restabelecido, disseste que a corrente nesse charco era demasiado forte para mim e para qualquer outra pessoa. Recomendaste-me que não voltasse lá pois morreria.

Senhor, jamais esquecerei aquele dia. Foi o maior da minha vida. Observo hoje muitos dos meus amigos do mundo metidos nesse charco e sinto pena deles. Em diversas ocasiões me têm procurado atrair, mas não irei. Tenho desejado tirá-los, mas eles resistem. A minha consolação é saber que Tu os vês e os salvarás, se eles clamarem por socorro.

Obrigado, Senhor. □

Nem o barulho das dezenas de passageiros, nem os solavancos do camião ao longo da estrada estreita, de piso irregular, desviaram os olhos de um dos ocupantes do veículo de sobre o ministro que, de vez em quando, pedia silêncio num tom de voz de quem interrompia uma conversa séria. Entretanto, o orientador do grupo não vinha conversando com nenhum dos passageiros, embora parecesse atento a tudo e a todos.

No destino disse, como que a concluir a longa conversa de 40 minutos: "Graças a Deus". E, depois de pequeno intervalo, continuou: "Vinha orando todo o caminho e Deus nos guardou".

Orando? Sim. É muito mais agradável fazê-lo longe de barulhos e movimentos, mas a porta de Mateus 6:6 pode ser fechada em plena praça pública, atravessando uma rua movimentada, ou viajando num camião com dezenas de pessoas a cantar e a conversar. O "aposento" funciona ali como no silêncio de quatro paredes e um tecto ou na solidão de um ermo.

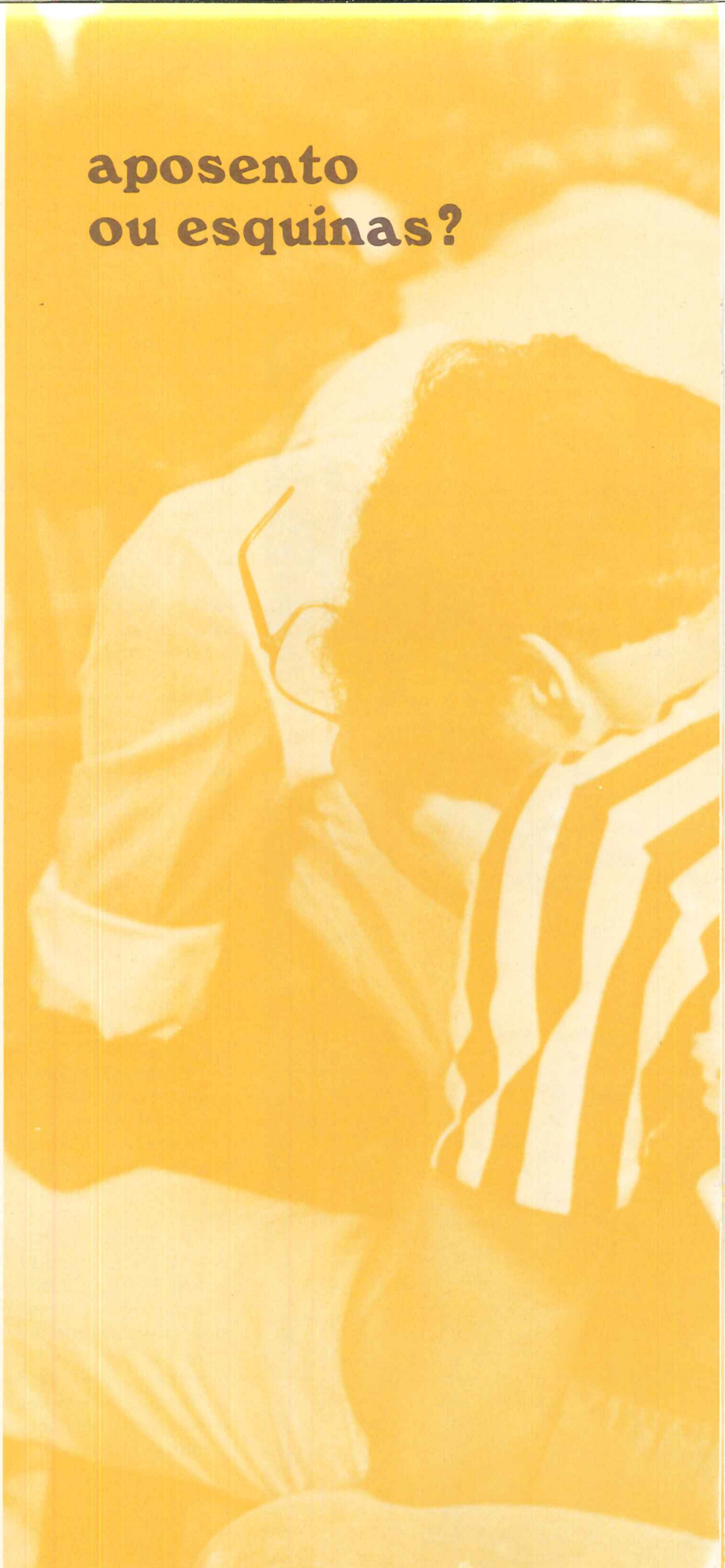
Entramos no "quarto" cada vez que conseguimos esquecer tudo e todos para estarmos a sós com Deus e sentirmos que Ele é, então, a única pessoa que importa. Isto significará que teremos de esquecer-nos de nós próprios? É mesmo assim.

Por outro lado, quando oramos para pessoas que nos ouvem, achamo-nos encostados à "esquina" de Mateus 6:5. Essa esquina pode ser o canto de um quarto ou pode funcionar no altar, banco ou plataforma do templo.

O trecho do Sermão da Montanha a que nos referimos devia ser lembrado em cada reunião de oração, culto público, familiar ou privado. E as recompensas do lugar oculto começariam sempre pela bênção de nos termos achado na presença de Deus. O espectáculo das esquinas, além de pouco atraente é, também, tempo perdido. Deus não nos ouve senão no lugar oculto. □

—Eugénio Duarte

aposento ou esquinas?



a música na adoração

Em Gênesis 4:21 é feita referência à harpa e ao órgão. Menciona-se Jubal como pai dos que tocam esses instrumentos.

O seu uso fazia parte da adoração no Antigo Testamento. O rei Davi foi o primeiro a organizar meticulosamente um grupo de músicos. Grande parte da tribo de Levi dedicou-se ao serviço divino tocando instrumentos (I Crônicas 15:16,19).

Quatrocentos anos antes de Cristo já os israelitas usavam instrumentos de música no Templo de Jerusalém; mas não nas sinagogas, onde se cantava sem acompanhamento. No Novo Testamento não se mencionam instrumentos, pelo menos relacionados com a adoração.

Na Igreja Grega ou Oriental apenas eram permitidas a lira e a cítara. Talvez a proibição de outros instrumentos estivesse relacionada com as festividades pagãs.

Na Igreja Ocidental começou-se a usar o órgão nos templos por volta do século XV. No entanto, era de uso limitado, pois o canto oficial da igreja, ou canto gregoriano, não precisava de acompanhamento. Só no século XVI é que apareceu o teclado de órgão como hoje é conhecido.

Calvino banuiu da igreja o uso do órgão, mas os luteranos conservaram-no. O concílio de Trento (1545-1663) tolerou-o mas com certas restrições. Nos três séculos seguintes, o órgão desapareceu praticamente das igrejas. A Igreja Anglicana adoptou-o novamente em 1866.

Tem havido diversas opiniões e atitudes quanto ao uso de instrumentos musicais nos cultos evangélicos. O órgão ainda hoje continua a ser o rei dos instrumentos de música religiosa.

Têm sido usados outros instrumentos de acordo com a região do país ou o grupo congregacional —jovens, crianças e adultos. Na apreciação de música os gostos são tão diferentes que por vezes causam fricções. Por exemplo, certos adultos não gostam que os

jovens cantem na igreja acompanhados a viola.

Outro aspecto da música é o conteúdo dos próprios cânticos. Há hinos e coros vazios de sentido; não chegam a elevar a alma até Deus. As palavras que cantamos devem reflectir a fé que professamos, a teologia da nossa igreja. Se a música não se harmoniza com o significado das palavras, então não tem razão de ser.

Calvino optou pelo canto dos salmos, Lutero incluiu o canto dos hinos. Isaac Watts, chamado "o pai da hinologia moderna", dizia que os hinos são o louvor do homem em resposta aos actos da revelação divina.

O apóstolo Paulo parece dar a melhor solução. Ele exortava a que se cantassem salmos, hinos e cânticos espirituais. Mas os hinos que louvam a Deus devem testificar da fé que professamos.

Quanto aos instrumentos musicais, depende muito de como são tocados. A música é uma arte e, como tal requer estudo, prática e crescimento no seu apreço. A boa música deve ser desfrutada como um verdadeiro dom de Deus. É nossa responsabilidade contribuir para que melhore. O Senhor conta com o desenvolvimento dos talentos que nos concedeu.

Para apreciarmos a boa música escutemos com atenção e cantemos os hinos da nossa igreja. Não sejamos escravos de nossas preferências e preconceitos. A música é um meio adequado para louvar e glorificar a Deus.

Tanto jovens como adultos unam-nos em cantar louvores ao nosso Deus. O amor de Cristo ajudar-nos-á a superar diferenças de opinião. Vivemos num processo de crescimento cultural e espiritual. Demos o melhor para o Mestre.

Em Colossenses 3:12-17 são enumerados alguns dons espirituais que devem caracterizar a congregação no louvor contínuo a Deus: o único digno de toda a honra e glória. □

—Oscar R. Lopez

Em si, o perdão de pecados a ninguém converte. Quando alguém é perdoado sente bem-estar. "Que alívio!", comenta. Mas será apenas isso o móbil que nos leva a buscar o perdão? Se é, o que buscamos deixa de ser cristão, talvez origine uma atitude pagã.

Permitimos, inconscientemente, que as atitudes morais destorçam a revelação de Deus. A imagem de um Deus que nos ama evaporou-se ou enublou-se com a de um Deus que tolera todas as acções de conformidade com a sociedade que "O" criou. Por isso, continuamos a proceder segundo os nossos desejos "carnais" ou naturais, crendo que Deus perdoará.

Conserve-se a virtude do perdão divino. A paz que ele produz é significativa. Elimina a pressão da culpa. O certo é que não merecemos ser perdoados, mas não nos envergonhemos em desejá-lo. No entanto, a razão por que se busca o perdão deve ser o conhecimento d'Aquele que o oferece.

O perdão é a maneira de Jesus dizer: "Eu conheço-te e estou contigo. Identifico-me com os teus sentimentos e conheço as tuas faltas. Sinto-me abatido com o peso dos teus pecados. No entanto, amo-te. Perdo-te. Foi esse o motivo da cruz".

O sacrifício do Calvário é a expressão máxima do amor divino. A cruz recebe sempre a maior atenção de Deus. Nela morreu Seu Filho; mas nós é que nela devíamos morrer.

Para merecer o título de cristão, você precisa de receber pela fé o perdão de Deus —fé suficientemente sincera para se expressar em arrependimento (Actos 2:38). Você reconhecerá a traição do pecado ao voltar-se para Deus com o fim de obter vida nova. Então rejubila no Senhor e Lhe obedece sem reservas.

O arrependimento e o perdão restauram as boas relações com Deus.

Por nós mesmos nada podemos fazer. Mas Ele é que as mantém. A cruz demonstra-o. Deus nos perdoou antes de nós o pensarmos, mesmo quando fugíamos d'Ele. O Seu coração perdoador continua a alcançar-nos. A mudança de relação entre Deus e nós não se realizará por iniciativa divina, mas pela nossa. Uma vez concretizada, estamos a caminho de ser cristãos.

A essência do nosso cristianismo consiste na semelhança com Cristo.

Parecer-nos a Cristo equivale a mudar da cruz de perdão para a de renúncia, onde se crucifica a obstinação. Ao entregar-nos por completo ao poder de Sua ressurreição, aceitamos a vontade de Deus como o melhor para a nossa vida em Cristo. Reconhecemo-la então como boa, "agradável e perfeita" para nós. Fugir da vontade de Deus é desejar o pior.

A entrega (ou compromisso) não proporciona o valor de você ser a pessoa que é, mas o de se converter na pessoa que deve ser. . . para isso foi criada e Cristo a libertou. Tal objectivo só é alcançado quando nos submetemos à vontade santificadora de Deus.

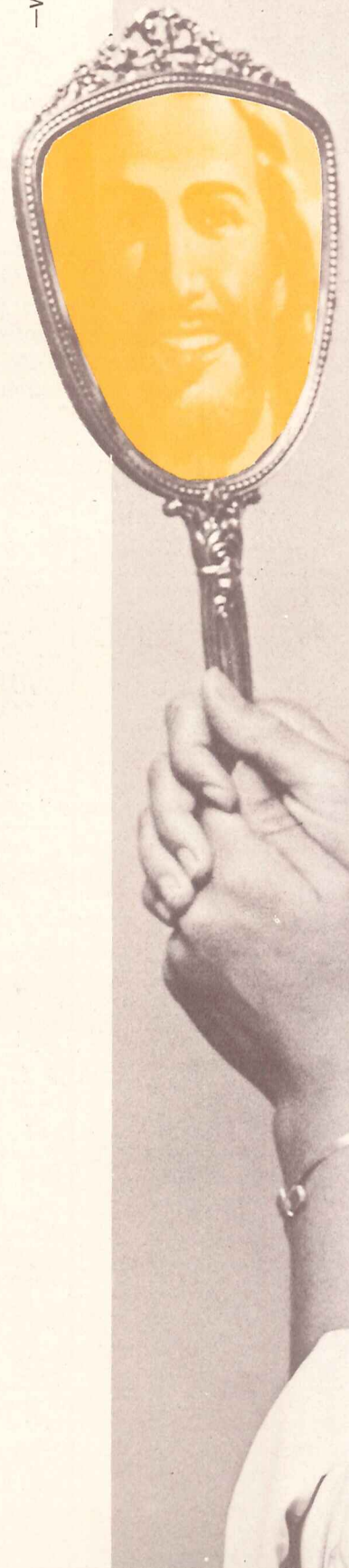
Ela é bem clara: "Os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho" (Romanos 8:29). O novo nascimento não é a imagem total de salvação. O perdão é necessário, mas é o primeiro passo que nos deve conduzir ao propósito central da salvação que consiste na purificação do pecado.

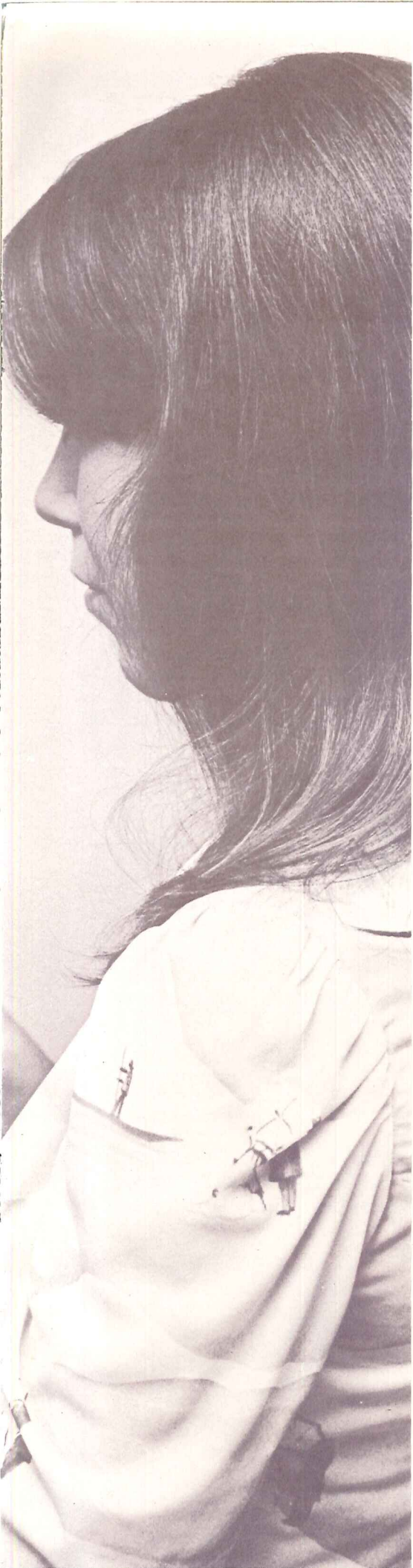
Pela inteira santificação, Deus livra o homem do pecado. Deste modo, ao contemplar a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor (II Coríntios 3:18).

Esta é a santidade! Um compromisso de amor com Deus caracterizado pela semelhança com Cristo, a essência do Cristianismo. □

do perdão à semelhança de Cristo

—Wilbur W. Brannon





influência dum bom ambiente musical

—Myron L. Tweed

O grau de apreço pela música no lar determina com frequência a reacção da criança nas experiências musicais da sua escola ou igreja. A família não necessita de se apurar no canto ou de tocar instrumentos. Desfrutar juntos de boa música tem grande valor espiritual para a alma.

1. Escolha-se boa música para a hora das refeições. As sinfonias, por exemplo, podem proporcionar no lar um ambiente benéfico e criar um clima de beleza.

2. As crianças devem captar e estar conscientes da criação divina e dos sons musicais da natureza. O trinado das aves, o sussurro do vento nas árvores, os trovões e os relâmpagos, o ritmo das ondas, tudo louva ao Senhor em coro harmonioso. Até no ciciar das folhas há melodia, música. . .

*"Oh, da música de Deus a terra está plena
Mas poucos distinguem sua inspiração amena!"*

3. A família pode aprender novos hinos quando todos os seus membros se reúnem. É fácil adquirir um hinário em qualquer livraria evangélica.

4. Podem aprender, por exemplo, cada mês um novo hino ou coro. Mesmo tocado por intermédio dum gira-discos ou gravador.

5. Você pode sugerir à igreja que estabeleça o costume do "hino do mês". Este deverá fazer parte do culto familiar.

6. Na igreja desfrute o melhor possível dos prelúdios, cantos corais, hinos congregacionais ou a música especial. Todos têm a sua mensagem.

7. Assista aos programas de música, aos cultos de inspiração e aos concertos de grupos corais ou instrumentais.

A mente fica enriquecida com a música que se escuta ou executa.

Bem-aventurado o lar que provê aos seus membros um bom ambiente musical. Nele habitará mais facilmente a presença do Senhor. □

NOVO

Hinário para Igrejas Evangélicas

LOUVOR E ADORAÇÃO

Anos de labor e o contributo generoso de muitos, em vários países, tornaram possível a realização dum projecto que virá suprir grande falta nas igrejas.

LOUVOR E ADORAÇÃO tem 478 hinos, incluindo muitos clássicos e favoritos que não se achavam em qualquer outro hinário que temos usado. A colectânea é bela e inspiradora!

LOUVOR E ADORAÇÃO tem uma ampliada secção de *Leituras* bíblicas congregacionais, permitindo assim maior variedade de escolha e de temas.

LOUVOR E ADORAÇÃO oferece inicialmente às igrejas três edições: uma com música, leituras e quatro índices elaborados; outra com a letra dos hinos, leituras e três índices práticos; a edição de folhas soltas, em capa especial com argolas metálicas, foi preparada para músicos e dirigentes do canto.

Encadernação forte e elegante, permitirá o manuseio frequente e agradável de tão importante livro.

- PM-009 Música e letra, encadernado, castanho US\$7.00
- PM-010 Letra, encadernado, castanho US\$5.00
- PM-011 Música e letra, encadernado, azul US\$7.00
- PM-012 Letra, encadernado, azul US\$5.00
- PM-013 Encadernação em pasta especial com argolas metálicas, folhas soltas; ideal para músicos das igrejas US\$18.50

FAÇA HOJE O SEU PEDIDO À
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Box 527, Kansas City, Missouri 64141, E.U.A.